



Faculdade Batista  
do Rio de Janeiro

**FACULDADE BATISTA DO RIO DE JANEIRO**

Pedro Henrique dos Santos Barros

**Seguimento e Discipulado em Mc 1.16-20: *As exigências do discipulado e a contemporaneidade***

Rio de Janeiro

2025



Faculdade Batista  
do Rio de Janeiro

Pedro Henrique dos Santos Barros

**Seguimento e Discipulado em Mc 1.16-20: *As exigências do discipulado e a contemporaneidade***

Artigo apresentado ao curso de Bacharel em Teologia da Faculdade Batista do Rio de Janeiro, como requisito necessário à obtenção do título de bacharel.

Orientador(a): Prof. Leonardo Silveira

RIO DE JANEIRO

## **Seguimento e Discipulado em Mc 1.16-20: *As exigências do discipulado e a contemporaneidade***

Pedro Henrique dos Santos Barros

Dr. Leonardo Silveira

**Resumo:** Este artigo explora as exigências do discipulado conforme apresentadas em Marcos 1.16-20, com o objetivo de refletir sobre sua aplicação e relevância para o cristão contextualizado. A hipótese central é que as exigências de Jesus, que envolvem o abandono de uma vida anterior e a dedicação total a Ele, são princípios atemporais que continuam a moldar e desafiar a vida cristã atual. A partir de uma análise exegética e hermenêutica, este estudo investiga a distinção entre o discipulado judaico e o seguimento de Jesus, enfatizando as implicações práticas dessa diferença. Além disso, o artigo examina como o chamado de Jesus para abandonar a vida anterior continua a ser um marco central no compromisso cristão, oferecendo uma aplicação dessas exigências para a vida e a prática contextualizada na caminhada de fé cristã. Conclui-se que os ensinamentos de Jesus, ao longo dos tempos, mantêm sua relevância e fornecem uma base sólida para a vida cristã e seu papel no mundo moderno.

### **Palavras-chave:**

Discipulado, Seguimento, Cristo, Jesus, Chamado, Causa.

**Abstract:** This article explores the demands of discipleship as presented in Mark 1:16-20, aiming to reflect on their application and relevance for contemporary Christians. The central hypothesis is that Jesus' demands, which involve the abandonment of a previous life and total dedication to Him, are timeless principles that continue to shape and challenge modern Christian life. Through exegetical and hermeneutical analysis, this study investigates the distinction between Jewish discipleship and following Jesus, emphasizing the practical implications of this difference. Furthermore, the article examines how Jesus' call to leave one's former life remains a central aspect of Christian commitment, offering an application of these demands to contemporary life and pastoral practice. The conclusion is that Jesus' teachings maintain their relevance over time, providing a solid foundation for Christian life and its role in the modern world.

### **Keywords:**

Discipleship, Following, Christ, Jesus, Calling, Cause.

## 1. Introdução

Este artigo tem como temática o Seguimento e Discipulado e tem por objetivo analisar as exigências do discipulado conforme apresentadas em Mc 1.16-20, bem como sua relevância para o cristão contemporâneo. Partindo do exposto, este artigo propõe a seguinte hipótese: As exigências do discipulado em Marcos, que incluem o abandono de uma vida anterior e a dedicação total a Jesus, são princípios atemporais que continuam a desafiar e orientar a vida cristã contemporânea.

Este presente artigo, baseado em fontes estritamente bibliográficas, fará uso do método exegético histórico gramatical para interpretar e investigar o tema proposto. O trabalho será estruturado em três seções: a diferença entre o discipulado judaico e o seguimento de Jesus, o abandono da vida anterior e a dedicação total a Jesus, e a aplicação na contemporaneidade.

“As origens do discipulado Judaico no Antigo Testamento”, será apresentada uma exposição dessas duas vertentes com o objetivo de destacar a diferença entre o seguimento de Jesus e o discipulado judaico.

“Abandono da vida anterior e dedicação total a Jesus”, será abordado o passo necessário para aquele que agora segue Jesus. O próprio Jesus apresenta como será essa vida e as exigências necessárias para quem decide segui-lo, apresentando uma aplicação prática dos dois pontos anteriores e suas implicações. Considerando que os ensinamentos de Jesus são atemporais, é necessária uma aplicação final sobre esse tema.

Destaca-se, finalmente, que a relevância deste trabalho e de seu tema está ligada à área teológica, pois examinar as exigências do discipulado, que se aplicam diretamente ao mundo atual em que estamos inseridos, pode oferecer insights valiosos para a vida cristã e para a prática pastoral moderna.

## 2. Exegese Analítica de Marcos 1:16-20

O objetivo desta exegese é analisar o texto de Marcos 1:16-20, compreendendo seu contexto literário, histórico e teológico, bem como sua estrutura e significado. A análise visa destacar a chamada dos primeiros discípulos por Jesus, o significado

dessa chamada no contexto do Evangelho de Marcos e sua relevância para a comunidade cristã primitiva e contemporânea.

## 2.1 Delimitação da Perícope

A perícope de Marcos 1:16-20 descreve a chamada dos primeiros discípulos de Jesus: Simão (Pedro) e André, e, em seguida, Tiago e João. A partir dessa perícope, temos a primeira parte do ministério na Galileia.<sup>1</sup> O acontecimento inicial desse período de ministério é o chamado desses quatro discípulos.<sup>2</sup>

## 2.2 Contexto literário

**Imediato:** Após a introdução programática (1.1-15), onde Marcos apresenta Jesus como o Filho de Deus e proclama o início do evangelho, o chamado dos discípulos funciona como transição entre a proclamação de Jesus (v. 14-15) e o início de suas ações ministeriais.

**Mais amplo:** A impressão predominante se liga à autoridade de Jesus, tanto em suas palavras quanto em seus atos.<sup>3</sup> O chamado dos discípulos, portanto, não é um detalhe secundário, mas parte essencial do anúncio do Reino do poder da sua palavra.

## 2.3 Estrutura do texto

O trecho pode ser dividido em duas cenas paralelas:<sup>4</sup>

1. Chamado de Simão e André (vv. 16–18).
2. Chamado de Tiago e João (vv. 19–20).

Em ambas, há:

- **Descrição da atividade cotidiana** (pescando; consertando redes).
- **Convocação de Jesus** (“sigam-me”).
- **Resposta imediata** (deixaram tudo e seguiram).

---

<sup>1</sup> CARSON, D. A. *Introdução ao Novo Testamento*. Vida Nova, São Paulo, 1997. p 99.

<sup>2</sup> CARSON, 1997, p 99.

<sup>3</sup> Marshall, I. Howard. *Teologia do Novo Testamento*. Vida Nova, São Paulo, 2007. p 57.

<sup>4</sup> FRANCE, R.T. *THE GOSPEL OF MARK A Commentary on the Greek Text*. Wm. B. Eerdmans Publishing Co, USA, 2002. p 94.

## 2.4 Análise lexical e teológica

- **“Para cá” (δεῦτε, deute):** termo evidenciado nessa perícopie, com um efeito de um convite ou chamado. Simão e André estão sendo chamados para seguir Jesus como seu líder, em um relacionamento que vai além do aprendizado meramente formal, para um aprendizado em tempo integral.<sup>5</sup>
- **“Farei com que sejam pescadores de homens” (ἀλιεῖς ἀνθρώπων):** metáfora do Antigo Testamento semelhante a (Jr 16.16), usada aqui de forma positiva. O objetivo será ganhar mais discípulos, resgatar mais pessoas e levá-las para Jesus.<sup>6</sup>
- **“Deixaram imediatamente as redes...” (ἀφέντες, apentes):** esse verbo simboliza a renúncia envolvida em seguir Jesus. o abandono das redes representa uma mudança decisiva no estilo de vida; de agora em diante, sua pesca será de outro tipo.<sup>7</sup>
- **“Imediatamente” (εὐθύς, euthys):** palavra bastante utilizada em Marcos, que pode ser destinado a evidenciar a imediaticidade da resposta dos novos discípulos, porém existe outra interpretação onde sugere que essa palavra tem o papel de manter a história em andamento do que destacar essa resposta vindo por parte dos discípulos de Jesus.<sup>8</sup>

## 2.5 Aspectos histórico-culturais

- **Discipulado judaico:** Rabis não chamavam seus seguidores; pelo contrário, era o discípulo que adotava o mestre.<sup>9</sup> O objetivo era aprender a interpretar a Lei.

---

<sup>5</sup> FRANCE, R.T. *THE GOSPEL OF MARK A Commentary on the Greek Text*, p 96.

<sup>6</sup> FRANCE, R.T. *THE GOSPEL OF MARK A Commentary on the Greek Text*, p 96.

<sup>7</sup> FRANCE, R.T. *THE GOSPEL OF MARK A Commentary on the Greek Text*, p 97.

<sup>8</sup> FRANCE, R.T. *THE GOSPEL OF MARK A Commentary on the Greek Text*, p 97.

<sup>9</sup> FRANCE, R.T. *THE GOSPEL OF MARK A Commentary on the Greek Text*, p 96.

- **Discipulado de Jesus:** Jesus toma a iniciativa do chamado (Mc 1.17). O centro não é a Lei, mas o próprio Cristo. Havia um preço a se pagar para seguir a Jesus de até mesmo abdicar seus costumes e do meio familiar.<sup>10</sup>
- **Pescadores na Galileia:** profissão de classe média baixa, porém estável. O lago da Galileia proporcionava um grande movimento na indústria pesqueira e uma rota comercial ativa passando por Cafarnaum.<sup>11</sup> O abandono da pesca naquele tempo indicava renúncia a uma segurança material e social significativa.

## 2.6 Implicações teológicas

Nessa perícopie em destaque, exprime a figura Cristocêntrica na pessoa de Jesus, logo que, o discipulado não se baseie em questões abstratas, mas na adesão total à causa de Cristo. Para seguir a Jesus era necessária uma ruptura com a antiga vida, inaugurando agora uma nova vocação. Sendo que o fator último era enviar esses ‘pescadores de gente’ para buscarem pessoas aonde fossem, vivendo uma vida discipular e missionária ao mesmo tempo.

Marcos 1.16–20 apresenta o discipulado como resposta à palavra de autoridade de Jesus. A ruptura radical dos primeiros discípulos aponta para princípios atemporais: abandonar a vida anterior, assumir nova identidade em Cristo e adesão total a causa de Jesus. Essa perícopie inaugura o começo do ministério de Jesus junto com seus discípulos. O evangelho de Marcos entrega com baste peculiaridade a natureza real dos feitos de Jesus na terra.

## 3. As origens do discipulado no Antigo Testamento

O discipulado no Antigo Testamento tem uma raiz tão antiga quanto a própria constituição do povo eleito.<sup>12</sup> Abraão, é um exemplo do quanto o discipulado é antigo e presente em uma época muito distante do conceito futuro em que a pessoa de Jesus

---

<sup>10</sup> FRANCE, R.T. *THE GOSPEL OF MARK A Commentary on the Greek Text*, p 97.

<sup>11</sup> FRANCE. R. T, *THE GOSPEL OF MARK A Commentary on the Greek Text*, p 95.

JACOBINI, Hiran E. C. *As exigências do discipulado cristão segundo Lc 9:23-27: uma análise bíblico-teológica das máximas de Jesus*. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.

ainda iria inaugurar.<sup>13</sup> Abraão foi chamado para seguir a Deus e vemos esse relacionamento presente na sua história (Gn 12:1-4a).<sup>14</sup>

Porém, quando se investiga mais afundo um exemplo em que tenha duas pessoas logo chegamos na pessoa de Moisés e Josué (Ex 24:13; 33:11; Nm 11:28; Js 1:1)<sup>15</sup>. Segundo Jacobini: "as raízes do discipulado profético, dentro da tradição veterotestamentária, estão relacionadas de maneira mais significativa a Eliseu, tanto em sua relação de discípulo de Elias [...] quanto em relação ao seu legado, na consolidação da chamada 'escola dos profetas'".<sup>16</sup>

Além disso, o discipulado só toma o seu ponto de importância a partir do marco histórico que foi o cativeiro/exílio babilônico que foi um marco histórico significativo naquela época para o povo de Israel. Só depois desse acontecimento, que o processo de discipulado adquiriu uma grande importância para a sobrevivência do remanescente de Israel.<sup>17</sup>

### 3.1 Elias e Eliseu

O discipulado no Antigo Testamento é claramente exemplificado na relação entre Elias e Eliseu.<sup>18</sup> Os dois estabelecem um relacionamento típico de mestre e discípulo ao longo de sua jornada conjunta, e esse modelo de discipulado se amplia com a formação da escola de profetas, desenvolvida por Eliseu.<sup>19</sup> Ao estudar a história do processo de discipulado, esse relato bíblico se destaca como o mais evidente.

### 3.2 O chamado de Eliseu

---

<sup>13</sup> JACOBINI, Hiran E. C. *As exigências do discipulado cristão segundo Lc 9:23-27. Uma análise bíblico-teológica das máximas de Jesus*, p. 57

<sup>14</sup> JACOBINI, Hiran E. C. *As exigências do discipulado cristão segundo Lc 9:23-27. Uma análise bíblico-teológica das máximas de Jesus*, p. 57

<sup>15</sup> JACOBINI, Hiran E. C. *As exigências do discipulado cristão segundo Lc 9:23-27. Uma análise bíblico-teológica das máximas de Jesus*, p. 57

<sup>16</sup> JACOBINI, Hiran E. C. *As exigências do discipulado cristão segundo Lc 9:23-27. Uma análise bíblico-teológica das máximas de Jesus*, p. 57

<sup>17</sup> JACOBINI, Hiran E. C. *As exigências do discipulado cristão segundo Lc 9:23-27. Uma análise bíblico-teológica das máximas de Jesus*, p. 57.

<sup>18</sup> JACOBINI, Hiran E. C. *As exigências do discipulado cristão segundo Lc 9:23-27. Uma análise bíblico-teológica das máximas de Jesus*, p. 57.

<sup>19</sup> JACOBINI, Hiran E. C. *As exigências do discipulado cristão segundo Lc 9:23-27. Uma análise bíblico-teológica das máximas de Jesus*, p. 57.

No texto bíblico de 1 Reis 19.16, é mencionado brevemente que Eliseu é filho de Safate e que é um profeta de Abel-Meolá.<sup>20</sup> Existem algumas complicações sobre a localização exata dessa terra. Y. Aharoni afirma: "Abel-Meolá foi agora identificada com muita segurança com o Tell Abu Sus, na margem [ocidental] do Jordão, a 15 km ao sul de Bete-Seã".

O seu chamado (1Rs 19:19-21) se deu quando Elias lançou o seu manto enquanto ele estava lavrando a terra com as 12 juntas de bois. O profeta Elias parece não dizer uma palavra, e joga o seu manto, Eliseu corre imediatamente até o profeta e pergunta se poderia se despedir dos seus pais para então segui-lo. Tendo sido autorizado pelo profeta, Eliseu voltou, pegou a junta de bois e os sacrifica, assa a carne com os equipamentos dos bois e dá a comida para que o povo comesse. Só depois, então, segue o profeta.<sup>21</sup>

Sobre este episódio em que foi narrado, algumas coisas precisam ser consideradas: JACOBINI em seu texto expõe a visão de dois comentaristas Bíblicos sobre o significado das 12 juntas de bois<sup>22</sup>. Essa numerologia é muito significativa para o contexto religioso de Israel. Dessa forma, JACOBINI menciona que "o número doze é certamente um símbolo das tribos, e que a forma como o relato é narrado sugere uma aventura comunal em que todas as equipes de bois da aldeia se uniram no cultivo de um campo comum" (DEVRIES, 1985, p. 239; JACOBINI, 2021, p. 58)<sup>23</sup>.

Concomitante a isso, JACOBINI continua: "os animais eram de propriedade de Eliseu, o que é um patrimônio considerável para a época, e assim, a resposta ao chamado promove considerável perda" (CLARK, 1999; JACOBINI, 2021, p. 58). As duas visões expõem informações importantes e que podem ser consideradas, porém JACOBINI ainda acrescenta elementos que elucidam mais ainda essa cena do chamando de Eliseu.

Ambas as ideias contribuem para o tema desta pesquisa, apesar de nesse ponto parecer ser mais adequada a visão de DeVRIES, que acrescenta ainda que o manto é símbolo do poder espiritual (cf. 2Rs 2:8,13-14), e que a escolha pelo seguimento de Elias por parte de Eliseu é o reconhecimento do

---

<sup>20</sup> CONSTABLE, Thomas L. *Notes on 1 Kings*. 2023 Edition. Disponível em: <https://soniclight.com/tcon/notes/pdf/1kings.pdf> Acesso em: 09 out. 2024.

<sup>21</sup> JACOBINI, Hiran E. C. *As exigências do discipulado cristão segundo Lc 9:23-27. Uma análise bíblico-teológica das máximas de Jesus*, p. 58.

<sup>22</sup> JACOBINI, Hiran E. C. *As exigências do discipulado cristão segundo Lc 9:23-27. Uma análise bíblico-teológica das máximas de Jesus*, p. 58.

<sup>23</sup> JACOBINI, Hiran E. C. *As exigências do discipulado cristão segundo Lc 9:23-27. Uma análise bíblico-teológica das máximas de Jesus*, p. 58.

significado do lançar a capa. Nesse sentido, RICE menciona que o ato de Elias passar silenciosamente pelas onze juntas de bois, jogar a capa sobre Eliseu e seguir seu caminho sem dizer nenhuma palavra, é uma forma de testar a prontidão de Eliseu para servir e permitir que ele responda com liberdade.<sup>24</sup>

Eliseu a partir desse momento é um seguidor de Elias e vive uma característica clara de discipulado no formato mestre e discípulo. A narrativa exposta em 1Reis mostra que o efeito do chamamento pode ser testificado por todas as pessoas naquele contexto, logo, toda a comunidade se torna testemunha da vida do profeta. Eliseu caminhou com Elias até o fim da vida do profeta e logo após a sua morte, ele o sucedeu e assumiu para si mesmo o legado da continuidade.<sup>25</sup>

### 3.3 Pós-exílio: Os efeitos na vida do povo de Judá

O exílio babilônico foi um marco histórico importante quando se trabalha o desenvolvimento do discipulado na dinâmica de vida do povo de Judá (Reino do Sul).<sup>26</sup> O período do primeiro Templo é destacado pelo marco de infidelidade dos preceitos da Torá. Sendo assim, o povo se distanciava cada vez mais sobre aquilo que deveria ser a base daquele povo.

JACOBINI argumenta:

O papel do profeta Jeremias, que profetizou no reino de Judá antes e durante o exílio, foi de crucial importância no processo de formação do ensinamento sistematizado da Torá. Os constantes apelos e exortações feito por ele, tanto para que o povo retornasse a Deus e a Aliança através da observância da Lei, era para evitar o mal que estava por vir, quanto mais tarde, para justificar os acontecimentos por ele anunciados, criou uma consciência nacional da necessidade de se transmitir os preceitos da lei.<sup>27</sup>

A partir então desse profeta, começa um processo que se faz necessário o arrependimento do povo para se voltar a Deus. No livro de Deuteronômio fala que a Lei deveria estar no coração da nação e deveria ser transmitida aos filhos de geração

---

<sup>24</sup> JACOBINI, Hiran E. C. *As exigências do discipulado cristão segundo Lc 9:23-27. Uma análise bíblico-teológica das máximas de Jesus*, p. 58.

<sup>25</sup> JACOBINI, Hiran E. C. *As exigências do discipulado cristão segundo Lc 9:23-27. Uma análise bíblico-teológica das máximas de Jesus*, p. 59.

<sup>26</sup> JACOBINI, Hiran E. C. *As exigências do discipulado cristão segundo Lc 9:23-27. Uma análise bíblico-teológica das máximas de Jesus*, p. 64.

<sup>27</sup> JACOBINI, Hiran E. C. *As exigências do discipulado cristão segundo Lc 9:23-27. Uma análise bíblico-teológica das máximas de Jesus*, p. 64.

em geração, como forma de ensinamento e de aprendizagem (Dt 6. 6-7), forma essa de viver que começou a ser implantada no coração daquele povo.<sup>28</sup>

Dessa forma, a Torá toma o seu lugar de importância e assim nasce uma consciência no coração do judaísmo, que se uma pessoa esquecesse dela, perderia tudo.<sup>29</sup> Graças a esses esforços, a educação deixou de ser seleta apenas para um grupo, e passou a ser a chave da sobrevivência daquele povo.<sup>30</sup>

Um dos primeiros sábios do Mishnah, Yose ben Yoezer, dizia aos discípulos: “Cubram-se com a poeira dos pés [de seu rabino]”. Comentando essa declaração, BELL menciona que “essa ideia provinha de algo que as pessoas daquele tempo estavam acostumadas a presenciar.” Quando um rabino chegava a alguma cidade, um grupo de alunos o acompanhavam logo atrás, fazendo o melhor para aprender o jugo do rabino. Assim, “no fim de um dia de alguma cidade, um grupo de alunos o acompanhavam, os alunos estariam todos recobertos pela poeira dos pés do rabino.<sup>31</sup>

Observando de forma que discipulado se forma na cultura judaica, é impossível não destacar a importância dessa retomada do povo a Lei para o processo do desenvolvimento discipular.

### 3.4 Conexões entre o chamado de Eliseu e o discipulado de Jesus

Quando se observa a narração de algumas passagens do Evangelho de Jesus, sobretudo a passagem de Marcos 1.16-20, pode-se observar que o chamamento de Jesus aos pescadores se assemelha de forma considerável com o chamado de Eliseu. Jesus chama os pescadores com a mesma autoridade com a qual Deus transforma a vida ou a missão dos profetas.<sup>32</sup>

Em Marcos v17, Jesus exprime a sua autoridade e diz: “farei com que sejam pescadores de gente” (NAA). Os pescadores agora que surpreendidos pela palavra de chamamento, devem ir atrás de Jesus, “não só como os agregados das escolas

---

<sup>28</sup> JACOBINI, Hiran E. C. *As exigências do discipulado cristão segundo Lc 9:23-27. Uma análise bíblico-teológica das máximas de Jesus*, p. 64.

<sup>29</sup> JACOBINI, Hiran E. C. *As exigências do discipulado cristão segundo Lc 9:23-27. Uma análise bíblico-teológica das máximas de Jesus*, p. 64.

<sup>30</sup> JACOBINI, Hiran E. C. *As exigências do discipulado cristão segundo Lc 9:23-27. Uma análise bíblico-teológica das máximas de Jesus*, p. 64.

<sup>31</sup> JACOBINI, Hiran E. C. *As exigências do discipulado cristão segundo Lc 9:23-27. Uma análise bíblico-teológica das máximas de Jesus*, p. 66.

<sup>32</sup> BARBAGLIO, Giuseppe. *Os Evangelhos I*. Edições Loyola, São Paulo, 1990. p 437.

rabínicas, que seguem o seu mestre, mas como o povo de Israel devia seguir Javé, ir só atrás dele (1Rs 18,21)" expõe BARBAGLIO.<sup>33</sup>

Desta maneira os discípulos ficam ligados à pessoa de Jesus e tomam parte na sua missão decisiva para o destino dos homens. Neste contexto a sentença de Jesus: Farei de vós pescadores de homens não é só um expediente feliz para falar a pescadores, mas lembra a tarefa dos profetas, que com a própria existência tornam atual e eficaz a palavra e a ação de Deus (cf. Jr 16,16; Am 4,2; Hab 1, 14a. 15a).<sup>34</sup>

A partir do momento em que os discípulos obedecem ao chamamento e começam a seguir Jesus, é possível relembrar a passagem de 1Reis 19.19-21. Porém se faz necessário destacar alguns conceitos que ajudam a elucidar o ato do seguimento tanto no AT como no NT.

### 3. Abandono da vida anterior e dedicação total a Jesus

É possível observar que desde o início do ministério de Jesus temos uma prática peculiar em seu movimento: chamar pessoas para o seguimento e discipulado.<sup>35</sup> O texto em questão trabalhado, mostra de forma prática essa ação de autoridade por parte do Cristo em ver aqueles homens à beira do lago e com segurança os chamar para o seu ministério.

Nos assim chamados relatos de vocação, p ex., chama a atenção que na maioria dos casos, a iniciativa parte claramente de Jesus (cf., porém, Lc 9.57s.), que as pessoas por ele chamadas não se tornam "discípulos" por decisão e vontade próprias, e sim através de sua palavra, que efetiva o seguimento e chama para si.<sup>36</sup>

Outro encontro que exprime essa autoridade de Jesus é com o Publicano na coletoria, onde Jesus o chama e ele prontamente obedece. Interessante notar que essa tomada de decisão não é explicada enfaticamente no texto, mas BONHOEFFER argumenta que só existe uma justificativa válida para responder essa questão: Jesus Cristo.<sup>37</sup>

<sup>33</sup> BARBAGLIO, Giuseppe. *Os Evangelhos I*. p 437.

<sup>34</sup> BARBAGLIO, Giuseppe. *Os Evangelhos I*. p 437.

<sup>35</sup> WOLFGANG, Schrage. *Ética do Novo Testamento, Rio Grande do Sul*, 2018, p 52.

<sup>36</sup> WOLFGANG, Schrage. *Ética do Novo Testamento*, p 52.

<sup>37</sup> BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. Editora Mundo Cristão, São Paulo, 2016. p 32.

É ele quem chama e, por isso, o publicano o segue. Nesse encontro pode-se testemunhar a autoridade de Jesus, incondicional, imediata e que não demanda explicações. Nada é mais importante que o chamado, e nada ocorre além da imediata obediência daquele que foi chamado. O fato de Jesus ser o Cristo confere-lhe total poder para chamar e exigir obediência à sua palavra.<sup>38</sup>

O movimento de Jesus ainda carrega outras peculiares que se distinguem demasiadamente, por exemplo, da escola rabínica: “mulheres, que se encontram em torno de Jesus, não se encontram na companhia de rabinos; e a convivência de um rabino com pecadores, prostitutas e publicanos teria de causar enorme estranheza” segundo WOLFGANG.

O discipulado de Jesus tomava uma forma diferente de qualquer outro movimento, pois não podia ser interrompido pela troca de um professor ou que pudesse ser concluído, fazendo com que o aluno se tornasse um mestre autônomo.<sup>39</sup> “Pois o seguimento é adesão a Jesus e à sua causa com base na proximidade do senhorio de Deus” menciona WOLFGANG.<sup>40</sup>

Em um sentido intrínseco, o chamado de Jesus só pode compreendido de forma completa quando se há o reconhecimento de forma singular em sua autoridade como Deus.<sup>41</sup> Sendo assim, esse movimento toma um caminho único e não imitável. É por isso que ele tem condições de relativizar qualquer vinculação, seja de tradições ou de autoridades terrenas.<sup>42</sup>

Existem ainda outras diferenças sobre o seguimento de Jesus e a dinâmica do relacionamento aluno-mestre entre os rabinos.<sup>43</sup> Existe uma lista de exigências nessa realidade dos rabinos que não existia no seguimento de Jesus que seria: a atmosfera erudita da casa de ensino, o estudo intensivo, o cultivo da erudição exegética, a formação de tradição etc.<sup>44</sup>

Além disso, a *stabilitas loci* de uma casa de ensino fixa era a pressuposição fundamental para um ensino ordenado, ao passo que Jesus percorreu a Galileia e as regiões circunvizinhas, além de se dirigir justamente ao povo inculto e não discutir primordialmente com eruditos ou correligionários.<sup>45</sup>

---

<sup>38</sup> BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. p 32.

<sup>39</sup> WOLFGANG, Schrage. *Ética do Novo Testamento*, p 52.

<sup>40</sup> WOLFGANG, Schrage. *Ética do Novo Testamento*, p 52.

<sup>41</sup> WOLFGANG, Schrage. *Ética do Novo Testamento*, p 52.

<sup>42</sup> WOLFGANG, Schrage. *Ética do Novo Testamento*, p 52.

<sup>43</sup> WOLFGANG, Schrage. *Ética do Novo Testamento*, p 52.

<sup>44</sup> WOLFGANG, Schrage. *Ética do Novo Testamento*, p 52.

<sup>45</sup> WOLFGANG, Schrage. *Ética do Novo Testamento*, p 53.

Sendo assim, a vida de Jesus tomava rumos totalmente diferentes dessa dinâmica dos rabinos, onde os relatos Bíblicos ajudam elucidar mais ainda como o seguimento do Cristo se desenhava. WOLFGANG ainda expõe a dificuldade de imaginar os discípulos de João Batista participando da atmosfera de uma casa de ensino, sendo esses que viviam condições totalmente atípicas dos rabinos.<sup>46</sup>

Um ponto de intercessão que se faz presente novamente é a importância do relacionamento de Elias e Eliseu, para a configuração dos relatos da vocação do Novo Testamento.<sup>47</sup> Onde é possível perceber a semelhança que se faz presente entre o relato de 1 Rs 19. 19-21 com Mc 1.16-20. Percepção essa elucidada a diferença contrastante com o movimento rabínico.

Como abordado na terceira parte do presente trabalho, o ato de lançar o manto é substituído pela palavra profética de Jesus, logo, existe um efeito poderoso nesse chamamento do Cristo. Efeito esse, que se exige um desprendimento até mesmo da obrigação de enterrar um ente querido que veio a falecer, como nos mostra a passagem de Lc 9. 59.

“Com a afirmação de que se deve deixar os mortos enterrarem os mortos, deve ter tido um efeito chocante e escandaloso, devido à dureza e radicalidade. Pois ele exige nada menos do que a ruptura resoluta com o respeito e a convenção, a piedade e a lei” segundo WOLFGANG. O sepultamento dos mortos e o acompanhamento do corpo são obrigações que superam até mesmo o estudo da torá e outros deveres.<sup>48</sup>

Inversamente, porém, a recusa de um sepultamento deve ser vista como sacrilégio sem igual. Por isso, a palavra desafiadora de Jesus faz parte daquelas palavras suas que exigem a liberdade em relação a todos os vínculos familiares e a explicam com a urgente proximidade do senhorio de Deus. O elemento decisivo nesse “sinal profético de provação” é, pois, o senhorio de Deus que desponta com Jesus e não a referência comum a torá ou a sua radicalização.<sup>49</sup>

Sobre a radicalidade do seguimento, BONHOEFFER também argumenta:

O indivíduo que foi chamado deixa para trás tudo que possui não com o intuito de fazer algo especial, mas simplesmente por causa do chamado de Jesus, pois de outro modo não pode seguir seus passos. A esse ato não se atribui valor algum. É completamente sem sentido, insignificante. Pontes foram destruídas, e simplesmente segue-se em frente. Uma vez chamado, o ser

<sup>46</sup> WOLFGANG, Schrage. *Ética do Novo Testamento*, p 53.

<sup>47</sup> WOLFGANG, Schrage. *Ética do Novo Testamento*, p 53.

<sup>48</sup> WOLFGANG, Schrage. *Ética do Novo Testamento*, p 53.

<sup>49</sup> WOLFGANG, Schrage. *Ética do Novo Testamento*, p 53.

humano tem de abandonar sua existência que levava até então. Sua única tarefa passa a ser “existir”, no sentido estrito do termo. Tem de abrir mão de tudo que viveu; o que é velho deverá ficar para trás.<sup>50</sup>

Essas exigências deixam perceptível que o seguimento de Jesus impõe um alto custo para aqueles que são chamados. Seja em deixar uma relativa segurança de vida (sendo o trabalho na área pesqueira que traz o sustento), como também para a completa insegurança aos olhos humanos, onde BONHOEFFER diz: isto é, na realidade, para a absoluta segurança e proteção da comunhão com Jesus.<sup>51</sup>

Contudo, o conteúdo da exigência que relativiza até mesmo vínculos naturais e familiares e de cuja realidade é tamanha, não pode ser considerado para toda pessoa em qualquer circunstância de vida.<sup>52</sup> De fato o chamado a sacrificar tudo o mais por causa da única pérola de grande valor vale para todas as pessoas (Mt 13.45), mas há um desenvolvimento que se concretiza de maneira diversa.<sup>53</sup>

Nesse seguimento de Jesus era possível observar aqueles que viviam de maneira itinerante, já outros, seguiam a vida estabelecidos nas comunidades locais. Sobre isso WOLFGANG argumenta:

Por certo o movimento protocristão de Jesus apresenta diversas formas sociais, mas elas são mais resultado do que pressuposição do chamado ao seguimento, que precisamente não é um chamado para dentro de um círculo de piedosos separatistas como um etos ascético; antes, conta com a existência de “vocações” diversas e de um envolvimento especial.<sup>54</sup>

Sendo assim, Jesus não leva o seu movimento apenas para um grupo seletivo de pessoas, mas trabalha em buscar pessoas em suas realidades. É possível ver essa ruptura implícita nos próprios relatos da vocação, seja em Mc 1.16 e Mc 2.14, existe aqui uma realidade do seguimento, onde se refere à adesão pessoal imediata nos termos de uma comunhão de vida e de destino com Jesus.<sup>55</sup>

“Portanto, o chamado ao discipulado é o compromisso exclusivo com a pessoa de Jesus Cristo, a subversão de todo legalismo por meio da graça daquele que chama, argumenta BONHOEFFER.<sup>56</sup> Sendo assim, uma vida que vive em equilíbrio entre

<sup>50</sup> BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. p 33.

<sup>51</sup> BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*, p 33.

<sup>52</sup> WOLFGANG, Schrage. *Ética do Novo Testamento*, p 53.

<sup>53</sup> WOLFGANG, Schrage. *Ética do Novo Testamento*, p 54.

<sup>54</sup> WOLFGANG, Schrage. *Ética do Novo Testamento*, p 54.

<sup>55</sup> WOLFGANG, Schrage. *Ética do Novo Testamento*, p 54.

<sup>56</sup> BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. p 34.

graça e o mandamento daquele que chama ao mesmo tempo. A vida do seguimento é uma caminhada desafiadora, mas de obediência e compromisso.

É importante verificar que o movimento do seguimento não é simplesmente idêntico a todos os adeptos da causa de Jesus.<sup>57</sup> Existem muitos exemplos que mostram que Jesus não chamou a toda pessoa para essa espécie de seguimento, apesar de ser difícil de explicar precisamente entre as diversas formas de seguimento e os limites que cada uma poderia operar.<sup>58</sup>

O fato de em Mc 5. 18-20 até se proibir o seguimento ao homem curado de sua possessão, porém, tem caráter secundário e provavelmente de se deve ao empenho de deixar claro aos cristãos numa época em que o seguimento em sentido literal não era mais possível que a fé de modo algum significa necessariamente viver, por assim dizer, em contato físico com Jesus e abandonar os vínculos sociais: Jesus manda o homem de volta para a sua casa, portanto para o seu cotidiano, para aí cumprir o seu papel de testemunha da ação salvífica [...].<sup>59</sup>

Dessa forma, surge uma ampliação na conceituação do seguimento de Jesus onde alguns exegetas destacam com razão: Jesus permite que outras pessoas fiquem no ambiente vivencial em que estavam até agora. Sendo que, mesmo não abandonando lar, profissão e a família, “não são tachadas de irresolutas e divididas, nem são excluídas do senhorio de Deus”, conclui Wolfgang.<sup>60</sup>

Em contrapartida, é importante salientar “que não se pode objetar que aqui estaria sendo introduzida a ideia de um duplo discipulado, porque o decisivo não é o próprio caráter de Jesus, mas “o caráter incondicional da vontade divina com vistas à irrupção do reino de Deus que está próxima” descreve WOLFGANG.<sup>61</sup> Sendo o centro do chamado de Jesus a irrupção do Reino de Deus.<sup>62</sup>

Jesus é o representante desse Reino que agora é estabelecido e suas exigências precisam ser observadas de maneira funcional. Quem segue a Jesus torna-se, “apto” ou aproveitável para o senhorio de Deus” (Lc 9.62), se juntando a ele para o serviço maior do Reino.

---

<sup>57</sup> WOLFGANG, Schrage. *Ética do Novo Testamento*, p 54.

<sup>58</sup> WOLFGANG, Schrage. *Ética do Novo Testamento*, p 54.

<sup>59</sup> WOLFGANG, Schrage. *Ética do Novo Testamento*, p 54.

<sup>60</sup> WOLFGANG, Schrage. *Ética do Novo Testamento*, p 55.

<sup>61</sup> WOLFGANG, Schrage. *Ética do Novo Testamento*, p 55.

<sup>62</sup> WOLFGANG, Schrage. *Ética do Novo Testamento*, p 55.

Porém, a vida em disposição total a esse seguimento não permite que a velha pessoa de sempre continue a existir no mesmo espaço.<sup>63</sup> Por isso que Jesus exprime uma vida que rompe totalmente com a maneira natural da vida anterior, onde que “só uma guinada radical e um abandono decido da realidade pregressa podiam entrar em cogitação”, afirma Wolfgang.

Para muitos, o chamado de Jesus tem seu ponto mais profundo quando os seguidores estão sobre a seguinte palavra: “Quem quiser vir após mim, negue a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me.” (Mc 8.34). Importante compreender que essa expressão a partir da cruz, não seria o sentido da pena de morte, como se Jesus estivesse incitando para que os seus seguidores se lançassem ao martírio e a morte na cruz.<sup>64</sup>

Em específico dessa passagem, se trata na forma da pessoa que diz não ao seu próprio eu, sendo que também está preparada para entregar a sua vida até as últimas consequências, esse é o famoso chamado a autonegação que John Stott discute.<sup>65</sup> Sobre isso STOTT argumenta:

Jesus acaba de predizer os seus sofrimentos e morte pela primeira vez. "Era necessário" que lhe acontecesse, diz ele (v. 31). Mas agora ele expressa implicitamente um "deve" aos seus seguidores também. Ele deve ir à cruz; eles devem tomar a sua cruz e segui-lo. Deveras, devem fazê-lo "diariamente". E, como a contra-parte negativa, se alguém não toma a sua cruz e não o segue, não é digno dele e não pode ser seu discípulo.<sup>66</sup>

Olhando para uma visão histórica sobre o assunto, os romanos haviam feito da cruz uma figura à vista de todas as províncias colonizadas por eles, e na Palestina não era diferente.<sup>67</sup> “Todo aquele que era condenado à crucificação era forçado a levar a sua cruz, ou pelo menos o *patibulum* (o braço da cruz), para o local da execução” argumento STOTT.<sup>68</sup>

Tomar a cruz e seguir a Jesus é se colocar em uma posição de um condenado a caminho da execução.<sup>69</sup> Pois se os seguidores de Jesus estão com uma cruz nos

---

<sup>63</sup> WOLFGANG, Schrage. *Ética do Novo Testamento*, p 55.

<sup>64</sup> WOLFGANG, Schrage. *Ética do Novo Testamento*, p 55.

<sup>65</sup> STOTT, John. *A Cruz de Cristo*. Editora Vida, São Paulo, 1986, p 123.

<sup>66</sup> STOTT, *A Cruz de Cristo*, p 123.

<sup>67</sup> STOTT, *A Cruz de Cristo*, p 123.

<sup>68</sup> STOTT, *A Cruz de Cristo*, p 123.

<sup>69</sup> STOTT, *A Cruz de Cristo*, p 123.

ombros o caminho final é da execução. Stott ainda diz: Nossa “cruz”, portanto não é um marido irritadiço ou uma mulher rancorosa. É, antes, o símbolo da morte do eu.

Ainda sobre a autonegação STOTT argumenta:

Embora Jesus possa ter tido a possibilidade de martírio em mente, a natureza universal de seu chamado ("se alguém. . .") sugere uma aplicação mais ampla. Certamente é a autonegação que, mediante essa imagem vivida, Jesus está descrevendo. Negar a nós mesmos é comportar-nos para com nós mesmos como Pedro o fez para com Jesus quando o negou três vezes. O verbo é o mesmo (*aparneomai*). Ele o deserdou, repudiou, voltou-lhe as costas, A autonegação não é negar a nós mesmos certos luxos como bombons, bolos, cigarro e coquetéis (embora possa incluir essas coisas); é, em verdade, negar ou deserdar os nossos próprios seres, renunciando a nosso suposto direito de seguir o nosso próprio caminho. "Negar-se a si mesmo é... voltar-se da idolatria da centralidade do eu".<sup>70</sup>

Paulo parece elucidar a mesma coisa quando escreve em Gl 5.24, onde é necessário crucificar a carne e suas paixões.<sup>71</sup> Agora a seguinte expressão fica mais viva para aqueles que vivem a realidade da autonegação: “aquele que quer ganhar sua vida, perdê-la-á, enquanto aquele que a perde, ganhá-la-á”. É seguro dizer que o seguimento além do abandono de si mesmo, inclui disposição para o sofrimento, caráter de ousadia e destemor.<sup>72</sup>

Por fim, o caráter final desse seguimento diz sobre Jesus não cultivar nesse seguimento para se viver uma religiosidade e interioridade piedosa, mas sim, é se chamado para ser enviado aos outros.<sup>73</sup> Em Lc 9.60b diz: “Tu, porém, vai e prega o reino de Deus”, sendo esse o anúncio que alcança o mundo cotidiano. Da mesma forma que Jesus os alcançou enquanto estavam pescando, agora eles são compelidos a viverem de tal forma.<sup>74</sup>

Assim como o chamado de Jesus atinge os discípulos em seu dia a dia, quando estão pescando, remendando as redes ou junto ao posto aduaneiro portando, justamente não no deserto, durante uma meditação piedosa ou um arrebatamento visionário, da mesma forma eles são enviados para dentro desse mundo do cotidiano, e não para uma colônia de monges ou um gueto piedoso. Por certo, Pedro e André abandonam suas redes, mas não por pretenderem escapar de uma suposta limpeza do mundo, mas para inserir-se completamente na missão.<sup>75</sup>

---

<sup>70</sup> STOTT, *A Cruz de Cristo*, p 123.

<sup>71</sup> STOTT, *A Cruz de Cristo*, p 123.

<sup>72</sup> WOLFGANG, Schrage. *Ética do Novo Testamento*, p 55.

<sup>73</sup> WOLFGANG, Schrage. *Ética do Novo Testamento*, p 56.

<sup>74</sup> WOLFGANG, Schrage. *Ética do Novo Testamento*, p 57.

<sup>75</sup> WOLFGANG, Schrage. *Ética do Novo Testamento*, p 57.

Por conseguinte, a colocação final de Lc 9, ainda nos mostra que o envio para a pregação do Reino de Deus faz parte do seguimento. Visto que o texto de análise de Mc 1. 16-20, o próprio Jesus deixa uma pista que tal coisa porventura viria a acontecer com os seus seguidores.

Todo esse ensino segue o centro na pessoa de Jesus e destaca a sua atemporalidade sobre as épocas. Foi assim com os primeiros discípulos e todos aqueles que viverem o seguimento e continuará a ser com aqueles que são compelidos pelo Cristo. Essa é a beleza da causa de Jesus, que continuam através dos séculos compelindo graciosamente os seus para a vida discipular.

#### **4. Conclusão**

A partir da exegese de Marcos 1.16-20, das raízes do discipulado no Antigo Testamento e o abandono da vida anterior com a disposição total a Jesus, torna-se evidente que o discipulado cristão é, por natureza, uma experiência de ruptura e entrega total. A análise exegética mostrou que o chamado dos pescadores não é apenas um evento histórico inicial, mas um chamado de autoridade para todos os que são compelidos pelo Senhor.

A comparação com o discipulado veterotestamentário, especialmente com a vocação de Eliseu, revelou que o padrão de renúncia e prontidão já estava presente na história de Israel, mas encontra sua plenitude na pessoa e autoridade de Cristo. Diferentemente do discipulado rabínico, em que o aprendiz escolhia seu mestre, o discipulado cristão se fundamenta na iniciativa divina. Como Wolfgang destacou, é Jesus quem chama, quem define os termos e quem desloca o discípulo da estabilidade para a missão.

Além disso, o chamado de Jesus exige uma nova identidade e uma nova prática de vida. O abandono das redes, da profissão e das seguranças revela que o seguimento é uma ruptura com a antiga existência. Esse princípio foi reforçado por Bonhoeffer, ao recordar que o seguimento autêntico exige a morte do eu e a disposição para carregar a cruz diariamente. Assim, graça e obediência caminham juntas, pois a graça que salva é a mesma que convoca para uma vida transformada.

Na contemporaneidade, essas verdades permanecem inalteradas. Embora os contextos culturais tenham se modificado, a essência do discipulado continua a mesma: ouvir a voz de Jesus que chama, responder com obediência imediata e

abandonar tudo aquilo que impede a plena adesão ao Reino de Deus. Seguir Jesus hoje implica reorientar valores, romper com estruturas de pecado, desafiar seguranças ilusórias e participar da missão de Deus no mundo.

Conclui-se, portanto, que o discipulado em Marcos não é apenas um modelo histórico, mas um convite permanente e atual. As exigências de Jesus continuam a ecoar, chamando o cristão contemporâneo a uma vida de fidelidade radical, amor sacrificial e compromisso integral com o Reino. E, assim como os primeiros discípulos, cada cristão é convocado a ouvir novamente a voz que atravessa séculos e culturas: “Sigam-me”.

## 5. Referências Bibliográficas

BARBAGLIO, Giuseppe. *Os Evangelhos I*. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.

CARSON, D. A. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1997.

CONSTABLE, Thomas L. *Notes on 1 Kings*. 2023 Edition. Disponível em: <https://soniclight.com/tcon/notes/pdf/1kings.pdf>. Acesso em: 09 out. 2024.

FRANCE, R. T. *The Gospel of Mark: A Commentary on the Greek Text*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 2002.

JACOBINI, Hiran E. C. *As exigências do discipulado cristão segundo Lc 9:23-27: uma análise bíblico-teológica das máximas de Jesus*. 2021. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.

MARSHALL, I. Howard. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2007.

SCHRAGE, Wolfgang. *Ética do Novo Testamento*. Rio Grande do Sul: Editora Sinodal, 2018.

STOTT, John. *A Cruz de Cristo*. São Paulo: Editora Vida, 1986.